

O Ladrão das Luzes	9
O Homem dos Óculos	15
A Avó	23
Rua do Anjo	43
O Jogo Secreto	55
O Companheiro de Escola	69
Andurro e Esposito	73
O Primo Venanzio	83
Um Homem sem Carácter	89
O Soldado Siciliano	97
<i>Donna Amalia</i>	103
O Xaile Andaluz	113
Nota da Edição Italiana	155

## DEDICATÓRIA

*Para a Lucia*

*Tu és a ave marinha que fabricou o seu ninho na falésia sombria, entre as areias negras.*

*Nessas sepulturas atrozes nem fios de erva  
nem vozes de outras famílias. Só ecos de chacina  
irrompem aí, do largo, em trombas e sinos de água.*

*Mas ela, cheia de graça,  
sob a ciosa asa  
que guarda os pequenos ovos preciosos  
escuta o tremor nu de outras álulas filhas suas  
e em nada mais os tranquilos afectos põe.*

*Daí  
amanhã  
grande, branca e desdobrada  
guiará uma pueril corte alada  
rumo a terrestres elísios.*

## O Ladrão das Luzes

Embora não tenha vivido ainda um número de anos suficiente para poder crê-lo, tenho quase a certeza de ter sido eu, essa rapariguinha. Vejo com toda a nitidez a rua, estreita, suja, com as figuras e manchas que se desenhavam no reboco degradado das suas casas. A casa de cinco pisos (a minha família ocupava o último) era a mais alta da rua. Ao fundo ficava o Templo.

Eu não tinha mais de seis anos. Da janela via passar os homens pálidos, as mulheres morenas com a sua expressão quase sempre vulgar ou sombria, os rapazes seminus, cobertos de poeira cinzenta. Via também, fronteira, uma casa amarelada, com esteiras nas janelas, e, ao lado, um grande pátio sem relva.

Havia muitas vezes uma fila de homens, quase todos militares, à espera nesse pátio. Entravam à vez e, poucos minutos mais tarde, voltavam a sair e afastavam-se, tagarelando e trocando gracejos. Às janelas do primeiro andar assomavam sempre mulheres misteriosas, risonhas, com as faces violáceas, os olhos bistrados e a voz forte e decidida. Ouvia, sobretudo à noite, os apelos sussurrados das suas vozes; quando o meu pai voltava do café, e embora não passasse de um velho corcunda, elas convidavam-no: — Não queres subir, belo morenaço? Não queres?

A minha mãe, ainda nova, frágil, tinha um rosto gracioso, devorado pelo ressentimento. A todo o instante, batia furiosamente com os punhos na cabeça e, quando me apanhava em falta, tinha por hábito amaldiçoar-me, num hebraico solene, virando para o Templo o rosto desfeito. E eu ficava apavorada, pois sabia que as maldições dos pais e das mães, ressoando de eco em eco, acabavam sempre por chegar a Deus.

Assim que anoitecia, enquanto o meu pai se punha a caminho do café, ela saía para passear por cima das muralhas, acompanhada pela minha irmã mais velha, a bela, a desdenhosa. Eu ficava em casa, para não deixar a velha sozinha.

Esta minha avó era surda, e parecia feita de pau. Uma sucessão de anos inumeráveis sugara-a lentamente, até a reduzir a um pequeno esqueleto de madeira, que talvez já nem de morrer fosse capaz. Tinha a cabeça quase calva e as pálpebras escuras sempre descidas. Deixava cair, coladas ao corpo, as mãos imóveis, com as unhas de um azul lívido e sombrio. Para minha estupefação, descobrira que trazia o peito e os lados do corpo enfaixados, como se faz às crianças de colo, e que, por cima de todas essas faixas, punha grandes panos cinzentos. Diziam que era rica.

Logo que os outros saíam, com uma frase manca, que lhe surdia com esforço por entre as gengivas, mandava-me apagar a luz: não valia a pena, uma vez que ali estávamos só as duas, gastar petróleo. Depois ficava muda e imóvel. Eu obedecia, embora a tremer. Na realidade, mal girava a chave do candeeiro, o fantasma do escuro e do medo crescia nas minhas costas, com dois buracos negros no rosto em vez de olhos. E eu, para conseguir um pouco mais de claridade, anichava-me ao pé da janela.

Tudo isto se passava há mais de cinquenta anos.

Da janela eu podia distinguir o Templo, a sua cúpula atarracada, os degraus, as janelas alongadas com os seus vitrais de cor, e, através do vitral, o avermelhado opaco das candeias dos mortos. As candeias de ferro forjado estavam penduradas no interior do Templo, e quem quisesse dedicar uma delas a um morto tinha de pagar ao guarda Jusvin, para que este a alimentasse de azeite e cuidasse de não a deixar apagar-se, nem de dia nem de noite. Os mortos, na sua treva, mantinham-se muito mais tranquilos quando possuíam uma candeia.

Era só das minhas janelas que se podia distinguir o interior do Templo, com as suas luzes avermelhadas. Eu via o guarda Jusvin subir todas as noites os degraus para fechar o Templo e alimentar de azeite as candeias. Era um homem moreno, com uma bela figura solene, com os olhos pretos, e o cabelo e a barba encaracolados. Na penumbra, rodeado pela escuridão, parecia um profeta ou um anjo, enquanto subia ao Templo, com o seu passo oblíquo, carregando as suas pesadas chaves. Mas certa noite, imediatamente depois de o ver entrar, vi as candeias apagarem-se uma a uma, e vi-o também, caute-

loso, com o apagador na mão, deixando no seu rasto uma escuridão enorme.

— Avó! — gritei. — O Juvín apagou todas as luzes dos mortos!

— Não — mastigou a surda. — Não vamos gastar petróleo. Não acendemos o candeeiro.

— Não entendeste? — gritei, com o corpo todo a tremer. — O Jusvín apagou as luzes! As luzes!

— Há-de voltar breve, a Marianna, sim, sim — respondeu a velha.

Renunciei então a explicar-lhe aquele segredo. Via à minha volta as figuras do escuro e temia que abrissem as bocas e me falassem. Temia aquilo que poderiam dizer-me e o que diria o Senhor.

Todas as noites, a partir desse dia, vi Jusvín fechar atrás de si as portas do Templo e apagar as luzes. O seu propósito era poupar azeite, tirando proveito da soma que cobrava em troca de alimentar as candeias. Foi o que me explicou a minha mãe — e explicou-me também que devia calar-me, porque o homem tinha seis filhos pequenos, e uma denúncia faria com que perdesse aquele lugar. Portanto, silêncio. Deus via-o e cuidaria de punir quem roubava a luz dos mortos. Deus faria justiça.

— Ladrão! Ladrão! — gritavam os meus nervos e os meus ossos, quando via aquela sombra subir, silenciosamente, as escadas. Esperava na ânsia de ver as suas mãos caírem, como dois trapos. Sentia vontade de correr ao Templo, de gritar com força: — Eu vejo-te! Vejo-te quando roubas a luz dos mortos! Não tens medo... de Deus? — Mas continuava imóvel, paralisada no vão da janela. Pensava nos mortos, debaixo da terra, sem uma luz. E, para não ver, tapava a cara, até ser de novo atraída por aquela comprida sombra que descia agora os degraus, com o seu apagador — e desaparecia nas ruelas.

Uma noite, ele não apareceu, e as chamas vermelhas não deixaram de tremular tranquilamente do outro lado do vitral. Quando voltou, ao cabo de uns dias de intervalo, não era capaz de falar. Arrancava a custo da garganta sons roucos e balbucios, e arregalava os olhos fazendo gestos de fantoche, como fazem os mudos — até ao dia em que se ouviram ressoar nas ruelas urros e roncossos bestiais. Era Jusvín que morria. — É a justiça do Senhor — disseram. O dedo do Senhor tocara-o na língua, e eis que essa língua maldita de Jusvín se desfazia numa chaga. Era um mal que as pessoas mal se atreviam a nomear, temerosas (eu ligava-o, devido ao nome fantástico que tinha, à feroz fauna marinha e aos trópicos africanos). E aqueles uivos atravessaram

todas as ruas, repetindo que o corpo do pecador se contorcia e suave. E não tiveram um instante de repouso, antes do silêncio.

— Nunca terá paz — disseram as pessoas, abanando as cabeças.  
— Nem ele nem os seus filhos.

Na escola onde andava encontrava muitas vezes os seus filhos, sobretudo Angiolo e Ester. Eram muito belos, embora andassem muito sujos e quase nus. Os dois grandes olhos pareciam dois fogos, e, quando se riam, ficavam com covas nas faces. Ester tinha um esplêndido cabelo encaracolado, as pernas esbeltas, e o rosto redondo semelhante a um fruto. Eu observava-os, aterrorizada. Pensava que o dedo de Deus lhes tocava as línguas, como fizera ao seu pai, e que, depois, a estranha fera africana lhas devoraria. E, mais tarde, eles não seriam capazes de falar, a não ser por meio daqueles tristes sons. Uns atrás dos outros, mudos, com uma chaga dentro da boca, os filhos de Jusvin, e os filhos dos seus filhos, assim passariam diante do Senhor.

Esta cena atormentava-me nas minhas solidões infantis e ressurgia nos meus sonhos; mas houve uma outra coisa que eu vi mais claramente ainda nessa noite de Verão, junto do Templo.

Sucedera-me uma grave desgraça. O meu pai mandara-me à rua e dera-me uma moeda, encarregando-me de jogar três números na lotaria. Ao voltar do banco, absorta em fantasias, tinha perdido o bilhete que comprara, com os três números. Pusera-me então a vaguear febrilmente pelas ruas, soluçando baixinho, esquadrinhando a poeira do chão. Nada. A seguir, deixei-me ficar parada, refugiada contra o seu alto muro, à sombra nocturna do Templo. Pensava não voltar a casa, sair do Gueto, sair da cidade e morrer. Em pensamento chamava o meu pai, naquela ocasião, atribuindo-lhe o cognome que as outras pessoas lhe davam: *o marreca*. As pessoas perguntavam-me muitas vezes: — Não és a filha do marreca, tu? — E agora passavam-me pelo espírito ideias novas, relâmpagos sacrílegos: «O marreca vai bater-me. Porque é que tem de bater-me? Sou pequena, mas bonita, tenho duas tranças compridas e o passo ligeiro. Ele é um marreca. Não quero que ele me bata. Mas perdi o bilhete da lotaria, perdi um bilhete que talvez tivesse acertado nos números. Fiz mal, o bilhete era dele, e ele vai bater-me. E a minha mãe vai amaldiçoar-me. É o castigo. Eu pus-me a andar por aí, a olhar para as casas, para as janelas, para as caras das pessoas, sem pensar no bilhete, e pequei. O Jusvin também tinha pecado, e o Senhor castigou-o.»

Eis Jusvin, na presença do Senhor. O Senhor não tem corpo nem rosto; é como uma nuvem de tempestade, como a sombra de uma

montanha: — Piedade, Senhor, fi-lo pelos meus filhos. Concede água à minha língua, sono aos meus olhos. Tem piedade do meu andar que inveja a placidez dos mortos. — São estas palavras as que ele traz sepultadas na garganta, mas que nunca tomarão forma nos seus lábios. A boca contorce-se, balbucia, o homem gesticula e sua. E ele, o sem-forma, não fala. O seu calar-se significa: Tu, ladrão.

Entretanto há muitos outros que saem, silenciosos, das paredes do Templo. Os seus corpos são massas obscuras, os seus rostos são máscaras com as órbitas vazias; e todavia tenho a impressão de reconhecer alguns deles. Aqui está a velha Mitilda, a que cozia pevides de abóbora e depois, segundo me disseram, foi para o Céu. Mas agora está aqui, com os sapatos rotos e o lenço a embrulhar-lhe o rosto sem olhos. E aqui está o Lazzarino e o seu filho Mandolino, altos, muito altos, com os seus braços compridos, e os seus chapéus altos por cima dos rostos esqueléticos. Sim, são eles, e há outros que não conheço, mas são todos parecidos e arrastam entre as paredes escuras os seus pés pesados. Alguns têm roupas estranhas, feitas de trapos, de cores múltiplas e desbotadas, ou trazem faixas esfarrapadas à volta do torso; com chapéus de todas as formas e feitios, como no teatro. Algumas mulheres trazem grandes vestidos que se arrastam pelo chão sem ruído, e pintaram-se com bistres e *bâtons*.

São os mortos, e tacteiam incertos, e estendem os lábios como que para beber, reclamando a sua luz. Nenhum deles tem asas; parecem saídos de dentro da terra. Debaixo da terra, queriam certamente continuar a ver o dia nessa luz, e agora procuram-na aos tropeções. Só os vivos podem acendê-la e apagá-la; assim o quer Deus, no meio, o silencioso, que castiga os vivos e fecha os mortos na terra.

Tal era o meu Deus; e esta rapariguinha fui eu, ou talvez a minha mãe, ou talvez a mãe da minha mãe; eu morri e renasci, e a cada renascer começa um novo processo incerto. E lá está sempre a rapariguinha, que se interroga assustada, no seu mundo incompreensível, sob a sombra do juiz, entre os mudos.